

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

HANNA HENRIQUES DEBS

ENVELHECIMENTO E GÊNERO
ANÁLISE DISCURSIVA DAS REPRESENTAÇÕES DE MULHERES VELHAS EM
TEXTOS JORNALÍSTICOS NO CONTEXTO DA GUERRA DA UCRÂNIA

UBERLÂNDIA
2025

Às minhas avós, Maria Antonieta e Maria
Helena, à minha mãe, Daniela, e à mulher
velha que serei um dia.

1. Introdução

Estima-se que, até setembro de 2023, vinte e sete mil civis foram feridos ou mortos durante a guerra na Ucrânia (Ivashchenko, 2023) deflagrada em 24 de fevereiro de 2022, quando forças armadas russas invadiram cidades ucranianas. Até março de 2025, doze milhões de pessoas afetadas pelo conflito necessitaram de ajuda humanitária, sendo 30% dessa estimativa pessoas idosas (HelpAge, 2025).¹ Sabe-se que quase um quarto da população ucraniana se encaixa nessa qualificação (Anistia Internacional, 2022), e a sua maioria são mulheres (International Database, 2025), as quais correspondem a dois terços das pessoas mais velhas que 65 anos e 71% das pessoas acima de 75 anos de idade (Kariakina, 2022). Muitas dessas mulheres idosas necessitam de atendimento qualificado para deficiências, medidas de inclusão para participação civil e adaptações para garantir habitação adequada.

Mulheres idosas são, portanto, como outros grupos vulnerabilizados, afetadas por condições particulares - ainda que não homogêneas - durante o enfrentamento dos desafios que envolvem sobreviver em contexto de guerra. Contudo, os marcadores sociais que as condicionam a situações de discriminação, insegurança e, por vezes, morte contribuem para o ocultamento de suas realidades e perpetuação de sua desumanização e aniquilamento, como nos mostram Calasanti, Slevin e King (2006) em sua crítica à predominância do enfoque às mulheres jovens e de “meia idade” nos estudos feministas em detrimento da realidade particular de mulheres velhas, resultado de um “um sistema de desigualdade baseado em idade que privilegia os não-velhos em detrimento dos velhos” (ibid., p. 13).

É nesse contexto que este trabalho, resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica², se insere. Buscou-se investigar de que maneira a análise de representações discursivas de mulheres velhas que vivem no contexto da guerra da Ucrânia poderia contribuir para teorizações sobre como elas são percebidas nas Relações Internacionais.

Nesse sentido, nos interessa compreender como estão subscritas as mulheres velhas aos processos de significação – uma vez que a expressão discursiva resulta da “indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos” (Brait, 2006, p. 10), sendo, portanto, o “campo de encontro de duas consciências, a zona do contato interior entre elas” (Bakhtin, 1997,

¹ Os materiais consultados para dados estatísticos sobre a crise humanitária na Ucrânia definem pessoas idosas no país a partir dos 60 anos de idade.

² A pesquisa foi desenvolvida entre setembro de 2024 e agosto de 2025, conforme Edital DIRPE 1/2024, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Larissa Picinato Mazuchelli, e se vincula ao projeto “Processos de ensino-aprendizagem intergeracional: saberes e experiências para uma formação anti-idadista”, contemplado pela Chamada CNPq/MCTI 10/2023. Agradeço ao CNPq pelo apoio e fomento.

p. 396) – e às tecnologias e políticas de morte (Mbembe, 2018) na guerra na Ucrânia. Os objetivos específicos envolveram: i) investigar maneiras pelas quais as categorias de poder, gênero e idade podem promover uma lente singular para avaliar situações de conflito nas Relações Internacionais; ii) compreender de que maneira gênero e envelhecimento atravessam e marcam a experiência de civis em contexto de guerra, observando, especificamente, a realidade de mulheres velhas na guerra da Ucrânia; e iii) investigar as produções e circulações de sentido a respeito do envelhecimento a partir dos textos jornalísticos que registram as mulheres velhas na guerra da Ucrânia. Para atingir tais objetivos e fundamentar a investigação, foi constituído um *corpus* de reportagens sobre mulheres idosas no contexto da guerra da Ucrânia, que será apresentado no Quadro 1 da seção de análise deste trabalho.

A investigação se fundamentou teoricamente no trabalho de Mbembe (2018) sobre necropolítica, nos estudos feministas em Relações Internacionais (Tickner, 2001; Enloe, 2014; Ventura, Kritsch, 2017), nos estudos sobre interseccionalidade (Collins, Bilge, 2021; Lorde, 2023), nos estudos críticos sobre envelhecimento (Butler, 1969; Debert, 1998) e, metodologicamente, na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin. Cabe destacar que a orientação dialógica do discurso é, como defendem seus estudiosos, “um fenômeno próprio a todo discurso,” uma vez que “em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar com ele, de uma interação viva e tensa” (Bakhtin, 2002, p. 88).

Finalmente, considerando que as maneiras pelas quais “a vida é periodizada, as categorias de idade presentes em uma sociedade e o caráter dos grupos etários nela constituídos são, do ponto de vista da Antropologia, um material privilegiado para pensarmos na produção e reprodução da vida social” (Debert, 1998, p. 7), o presente trabalho almeja preencher a lacuna dos estudos feministas e investigar a especificidade de mulheres velhas. Cabe-nos considerar que a investigação desse jogo discursivo abre caminhos de compreensão e enfrentamento das formas complexas de desigualdade que afetam aspectos do convívio social de mulheres idosas e que fortalecem as tecnologias destinadas a permitir o exercício de necropolítica como definida por Mbembe (2018). Espera-se, finalmente, a partir dessas considerações, debater a relevância dos processos de significação e dos estudos da linguagem para o campo das Relações Internacionais.

2. Fundamentação Teórico-Metodológica

Nesta seção, são mobilizados conceitos importantes da fundamentação teórica da pesquisa, como a necropolítica (Mbembe, 2018), as contribuições feministas para as Relações Internacionais, os estudos sobre interseccionalidade e os estudos críticos sobre envelhecimento. O subtópico “Perspectiva Dialógica dos Estudos Linguísticos e Discursivos”, por sua vez, concentra a discussão sobre a fundamentação metodológica da pesquisa, e "A Guerra na Ucrânia: um panorama interseccional" contextualiza brevemente o conflito na Ucrânia, com atenção à idade e ao gênero enquanto marcadores de violência.

2.1. A soberania e o limite da morte, o etarismo e a interseccionalidade de gênero

Há no campo das Relações Internacionais (doravante RI) “mitos fundadores” que, sobreviventes à prova do tempo, difundiram-se pela produção do conhecimento e cristalizaram-se no *mainstream*. São alguns deles a “soberania”, os “Estados modernos”, a “guerra” e a “paz”. Todavia, ser instrumentos longevos e relevantes para a organização de saberes não isentou as teorias tradicionais de RI - o realismo e o liberalismo, por exemplo -, de devidas contestações (Weber, 2005). É justamente nesse movimento contrário que estão localizados os estudos feministas de RI, a partir dos quais iniciamos esta discussão.

Segundo Ventura e Kritsch (2017), as duas principais contribuições desses estudos ao campo são i) oferecer alternativas a um modo de fabricação cognoscente dominante e ii) propor pesquisas em que se acentuam as relações de gênero como marcadores importantes da desigualdade social, de modo a deslocar para o centro da análise e da produção científica as mulheres. É o caso, por exemplo, do trabalho de Tickner (2001) que, ao analisar a progressão histórica das pesquisas feministas em RI e suas distintas reivindicações, ressalta as críticas recorrentes do campo à configuração masculinista da Política Internacional.

Segundo a autora, esse arranjo ético-onto-epistemológico fundamenta-se na tendência de supervalorização do individualismo, do racionalismo e da anti-subjetividade como atributos fortemente associados à masculinidade e indispensáveis para o fazer ciência e na estrutural subjugação dos corpos, das mentes e das subjetividades femininas à ordem mundial imperialista, branca e masculina, responsável pela colonização. Tal estruturação é possível tendo em vista que “o comportamento dos Estados no sistema internacional depende de

hipóteses que surgem a partir das experiências dos homens” (Tickner, 1992 apud Kritsch, Ventura, 2017, p. 32).

É evidente que tal orientação contribui para ocultar a agência de mulheres enquanto sujeitos históricos ou condicioná-las ao observador masculino, cuja glória é especialmente ampliada pela manifestação de sua masculinidade patriótica e do militarismo heterossexualizado e agressivo do sistema de guerra (Jesus, 2014). Nos termos de uma cultura masculinista, afinal, ser mulher “é uma fonte de mistério e de incognoscibilidade para os homens” (Beauvoir, 1973 apud Butler, 2014).

As pesquisas feministas ressaltam, portanto, a demanda por outras perspectivas, o que é especialmente relevante ao se pensar o Estado como ator político que representa um conjunto de práticas patriarcais que perpetuam as “[...] desvantagens estruturais às quais as mulheres estão submetidas” (Ventura, Kritsch, 2017, p. 37).

Uma contribuição significativa à crítica tecida pelos estudos feministas advém da obra de Mbembe, para quem o Estado, a partir da expressão de sua soberania, é articulador estruturante das relações de poder (Mbembe, 2018). Sua tese, que se apoia na elaboração de Foucault sobre biopoder, por meio do qual o poder político adquire domínio sobre a vida, consiste em mostrar que tal mecanismo disciplinador opera, em última instância, a partir da distinção entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer.

Além de Foucault, Mbembe recorre a Bataille, para quem a soberania “é o mundo no qual o limite da morte foi abandonado”, e que “demanda o risco da morte” (Bataille, 1985 apud Mbembe, 2018, p. 127), pois, segundo o filósofo camaronense, esse entendimento subverte a crença de que a política seja “o avanço de um movimento dialético da razão”, e passa a ser “a transgressão de todos esses limites” (Mbembe, 2018, p. 127). Consequentemente, o exercício da soberania se materializa a partir da capacidade prática e normativa de instrumentalizar a existência humana de maneira generalizada, a ponto de operá-la para a destruição material de corpos humanos e populações inteiras. Aliada à construção histórica do racismo moderno, a soberania se estabelece, assim, em função do direito de matar e se torna apta a dividir - física, biológica e discursivamente - os vivos e os mortos, em uma “experiência demolidora da alteridade [...], condição para a aceitabilidade do fazer morrer” (Mbembe, 2018, p. 128).

Nessa linha, a interseccionalidade apresenta-se como importante sinergia entre investigação crítica e práxis contra opressões e políticas de morte (Mbembe, 2018). Como argumentam Collins e Bilge (2021), a interseccionalidade rejeita a hierarquização de corpos e experiências de vida, assim como a falsa divisão entre academia e ativismo, questionando, assim, as visões unidimensionais das relações de poder e fornecendo estrutura para o

reconhecimento do entrelaçamento de diferentes categorias de poder nas produções de formas complexas de desigualdade que afetam todos os aspectos do convívio social. A título de exemplificação de sua potencialidade, as autoras mostram, a partir da história de ativismo de mulheres negras no Brasil, como o uso da interseccionalidade como categoria de análise e luta permitiu às negras mais jovens “lançar luz sobre as conexões entre gênero, raça e classe expostas inicialmente pelas redes intergeracionais de ativistas feministas negras” (Collins, Bilge, 2021, p. 42), tendo em vista que “a recusa em reconhecer a diferença torna impossível enxergar os diversos problemas e armadilhas que encaramos enquanto mulheres” (Lorde, 2023, p. 146).

Além do tensionamento teórico entre pesquisas feministas, necropolítica e interseccionalidade, fundamentais para a discussão proposta nesta investigação, fundamentamos esta reflexão na crítica de Calasanti, Slevin e King (2006), ao apontar que feministas, quando consideram a idade enquanto categoria de investigação de desigualdades, tendem a priorizar meninas, jovens-adultas e mulheres de meia idade, voltando-se raramente, portanto, às mulheres velhas. Entendemos, assim, ser necessário nos debruçarmos em investigações sobre envelhecimento, de maneira geral, e ao idadismo, de forma particular.

Robert Butler (1969), gerontólogo estadunidense, cunhou o termo *ageism* (traduzido como ageísmo, idadismo e etarismo no Brasil) para se referir aos processos de discriminação e violência enraizados em um profundo desprezo pelo envelhecimento e medo pelo adoecimento e pelo desenvolvimento de deficiências. Como afirma o autor, é uma repulsa motivada pelo medo de se perceber desprovido de poder, "inútil" e próximo da morte (Butler, 1969). Embora os primeiros estudos datem da década de 1960, trata-se de um fenômeno ainda pouco investigado que leva à associação do envelhecimento a “imagens negativas relacionadas a doenças, incapacidade e morte, enquanto as pessoas idosas são infantilizadas e tuteladas sob um viés capacitista” (Oliveira, Mazuchelli, Menezes & Santos, 2023, p. 2), o qual se manifesta nas relações interpessoais, de forma autodirigida e institucionalmente, entrelaçando-se a outros marcadores sociais que aprofundam as experiências de desigualdade e as violências (Mazuchelli & Oliveira, 2023).

É na tessitura desses encontros (feminismo, políticas de vida e morte, interseccionalidade e envelhecimento) que esta pesquisa buscou investigar maneiras pelas quais as categorias de poder de gênero e idade (Collins & Bilge, 2021) podem promover uma lente singular para se avaliar as relações internacionais, em especial, neste trabalho, em situações de conflito. Sendo a guerra uma tecnologia para se alcançar a soberania a partir do direito de matar (Mbembe, 2018), restou-nos buscar responder como estão inscritas as mulheres velhas a essa

ordem de poder e de que maneira gênero e envelhecimento atravessam e marcam a experiência de civis em contexto de guerra, como apresentado na introdução deste trabalho.

2.2. Perspectiva Dialógica dos Estudos Linguísticos e Discursivos

Um dos fundamentos teóricos e metodológicos desta pesquisa vincula-se às reflexões derivadas dos encontros não institucionalizados do que se convencionou chamar *Círculo de Bakhtin*. O grupo, que se reuniu regularmente nas primeiras décadas do século XX primeiramente na cidade soviética de Nevel, mas eventualmente disperso pelos demais caminhos traçados por seus integrantes, era formado por estudiosos de diversas áreas, incluindo o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, os teóricos da literatura Le. V. Pumpianski e Pavel N. Medvedev, o filósofo Mikhail M. Bakhtin e o linguista Valentin N. Volóchinov (Faraco, 2009).

Dessas discussões, originaram-se contribuições para diversos temas, como a filosofia, a literatura, a história, a linguagem, a ética e a estética, por exemplo. Precisamente, não se tratava de uma “escola” orientada unicamente pelos trabalhos de Bakhtin (Ponzio, 2011), mas de um esforço coletivo de produção teórica, em que o logro do conhecimento socializado, por vezes, interessava mais aos autores do que os créditos de uma autoria individual (Geraldi, 2013). A qualidade “bakhtiniana”, portanto, verifica-se a partir dos “temas, [d]os interesses, [d]as perguntas, [d]o modo de busca de respostas em diálogo constante entre os membros do grupo” (Geraldi, 2013, p. 11).

A valorização pela atribuição coletiva às produções acadêmicas do Círculo, bem como a relevância do diálogo incessante entre as produções próprias de cada integrante, conecta-nos a um dos princípios fundamentais para a compreensão da obra que se convencionou chamar bakhtiniana: as relações dialógicas. Para compreendê-las, partimos das teorias de enunciação, que retornam o sujeito - outrora alienado - ao lugar da língua nas reflexões linguísticas³.

Para Benveniste, enunciar significa “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1976, p. 82), sendo a enunciação definida a partir das

³ É preciso destacar que esse retorno diz respeito à uma contraposição ao estruturalismo Saussureano, chamado por Bakhtin (2003) de “objetivismo abstrato”. Como explica Mazuchelli (2012, p. 64), “Ao estabelecer a dicotomia entre fala e língua, Saussure não sugeriu apenas uma nova abordagem aos estudos sobre os fenômenos de natureza linguística, determinando que esta, enquanto ciência, deveria se interessar pela língua e não pela fala, mas, fundamentalmente, abriu mão de incluir em sua teoria a discussão sobre o papel do individual na língua(gem). Ressaltamos, contudo, que, apesar de compartilharmos da crítica feita por Bakhtin, a decisão de Saussure deve ser vista, sobretudo, como uma opção metodológica “saudavelmente dialética: seu conceito de langue, espaço do sistemático, não sobreviveria, teoricamente, sem o conceito de parole, espaço do assistemático, do idiossincrático, do variável” (Abaurre, 1996, p. 114).”

circunstâncias em que foi produzido o enunciado. Já para Bakhtin, a enunciação se configura como o campo de encontro de duas consciências por meio do qual as relações dialógicas se estabelecem. Como explica Geraldi (2009, p. 66): “as relações dialógicas são [...] relações entre índices sociais de valor – que [...] constituem [...] parte inerente de todo enunciado, entendido não mais como unidade da língua, mas como unidade da interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas”.

Diz Bakhtin (2011, p. 164)

Relações dialógicas são possíveis não só entre enunciados completos (relativamente completos); uma abordagem dialógica é possível em relação a qualquer parte significativa de um enunciado, mesmo em relação a uma só palavra, caso aquela palavra seja percebida não como uma palavra impessoal da língua, mas como um signo da posição semântica de outro alguém, como o representante do enunciado de outra pessoa; isto é, se ouvirmos nela a voz de outro alguém. Assim, relações dialógicas podem permear o interior do enunciado, mesmo o interior de uma só palavra, desde que nela duas vozes colidam dialogicamente.

As relações dialógicas exigem, portanto, uma investigação comparativa das condições de que estruturam e tornam vivos os textos. Em suas palavras, “só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo” (Bakhtin, 1997, p. 401). Isso é possível porque, por trás do contato entre os textos, revela-se o contato entre os indivíduos, de maneira que, “se transformarmos o diálogo em um texto contínuo, isto é, se apagarmos as divisões das vozes (a alternância de sujeitos falantes) [...] o sentido profundo (infinito) desaparecerá (bateremos contra o fundo, poremos um ponto morto)”. Será a coisificação completa e “o desaparecimento da infinitude e da insondabilidade do sentido (de qualquer sentido)” (ibidem).

Bakhtin defende, assim, que a própria atividade do fazer científico deve ser orientada pela “[...] penetração mútua com manutenção da distância; [pelo] campo de encontro de duas consciências, a zona do contato interior entre elas” (Bakhtin, 1997, p. 396). Atribui, portanto, à compreensão (científica) uma configuração dialógica, uma vez que, para ele, “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante” (ibidem, p. 395). O outro, portanto, na concepção dialógica, é indispensável para a enunciação e, portanto, para o desenvolvimento das ciências humanas, pois é a partir da alteridade - da indissociabilidade entre os processos de significação compartilhados entre inúmeros sujeitos - que circula o sentido.

Por isso, Bakhtin apresenta a compreensão ativo-dialógica como outra categoria imprescindível para a compreensão do funcionamento da linguagem, já que compreender

depende de um processo ativo produção de significado compartilhado entre os sujeitos. Isso inclui compreender “o elemento valorativo [a partir da relação de alteridade] na compreensão e seu grau de profundidade e de universalidade” (Bakhtin, 1997, p. 398), tendo em vista que o processo de significação depende da associação (comparação) constante entre enunciados produzidos por distintas vozes (sujeitos), cujo ponto de partida não pode ser facilmente identificável. Nesse sentido,

A conversão da imagem em símbolo a reveste de profundidade semântica - a perspectiva semântica. Correlação dialética entre a identidade e não-identidade. A imagem deve ser compreendida como o que ela é e como o que significa. Através dos encadeamentos semânticos mediatizados, o conteúdo do símbolo autêntico está correlacionado com a ideia de totalidade mundial [universalidade do sentido], com a plenitude do universo cósmico humano. O mundo tem um sentido (Bakhtin, 1997, p. 398).

Se, nas relações dialógicas - permeadas pela linguagem, por meio da enunciação, e das vozes dos sujeitos que enunciam -, os enunciados se relacionam de maneira indissociável, e um texto ganha sentido a partir da comparação com outros continuamente, é enganosa a presunção da palavra neutra, pois ela estaria retirada de qualquer contexto. Pelo contrário, a palavra é “capaz de registrar as fases transitórias mais ínfimas, mais efêmeras das mudanças sociais”, uma vez que “constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças” (Volóchinov, 2017, p. 27). Dessa maneira, ambos o dito e o não dito exercem papéis próprios no processo de significação e na associação entre a imagem e o símbolo, evidenciando, muitas vezes, as disputas de sentido – social e historicamente atribuídos – existentes em uma mesma palavra, ou a partir do emprego (ou não) de certas palavras. Sendo assim, “a palavra não é o objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica” (Bakhtin, 2015, p. 252). Não podendo um enunciado ser elaborado sozinho (por um só sujeito), a palavra, em Bakhtin, é povoada:

[A palavra] nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo, ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou. [...] Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra ele a recebe da voz de outro e repleta de voz em outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidações de outros (Bakhtin, 2015, p. 252).

Sendo um discurso produzido - e passível de compreensão - a partir da sua relação alterna com o discurso do outro, o emprego de determinada palavra ao invés de outra - e suas implicações semânticas - muito nos diz sobre a valorização atribuída àquele termo a partir de processos de socialização. São esses os efeitos das práticas sociais sobre a linguagem, “a imagem do mundo manifestada na palavra” (Pasternak apud Bakhtin, 1997, p. 398).

2.3. A Guerra na Ucrânia: um panorama interseccional

Além das discussões teóricas e metodológicas já apresentadas, cabe contextualizar, ainda que brevemente, a Guerra na Ucrânia, para, assim, adentrarmos as questões centrais desta pesquisa relativas à discursivização de mulheres idosas nesse contexto de conflito.

Sabe-se que Ucrânia e Rússia outrora constituíram a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), sendo, desde então, centro de tensões étnicas, políticas e territorialistas. No contexto de pós-Guerra Fria, analistas consideram que à Ucrânia é empregado o papel de “zona de amortecimento” (Mendes, Nunes, Cassarotti, 2020) e perímetro de segurança para a Rússia (Götz, 2016), a qual se mantém atenta a qualquer manifestação compatível aos interesses ocidentais nessa região. Dessa maneira, uma vez que os “interesses vitais” (Mendes, Nunes, Cassarotti, 2020) russos - identificados nos âmbitos cultural, econômico e militar, por exemplo - se concentram na Ucrânia, a Rússia passa a se dispor a sofrer maiores retaliações a fim de protegê-los (Mearsheimer, 2014; Walt, 2014; Mendes, Nunes & Cassarotti, 2020).

Todavia, o território ucraniano não é considerado estratégico apenas para o Kremlin, de modo que também é visado pelas instituições ocidentais a partir dos esforços de aproximação da União Europeia (UE) e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). O saldo dessa relação faz com que a Ucrânia seja pressionada entre dois blocos de interesses discordantes - o ocidente e o oriente -, em relação aos quais o país mantém dependentes relações econômicas e militares, o que dificulta a construção de alternativas que satisfaçam, simultaneamente, ambos os lados.

Movimentações mais recentes, como as manifestações populares pró-União Europeia que culminaram na deposição do presidente Viktor Yanukovich, tensionaram ainda mais a relação entre os dois países. A deposição do presidente ucraniano foi recebida como um alerta pela Rússia (Mearsheimer, 2014; Walt, 2014; Mendes, Nunes & Cassarotti 2020), a qual, então, ocupou a província ucraniana da Crimeia, de maioria russa. sendo eles. O conflito se alastrou por outras regiões ucranianas, nas quais integrantes pró-Rússia de movimentos separatistas foram militar e financeiramente apoiados por Moscou. O desfecho se deu por meio da anexação

da Crimeia pela Rússia e a intensificação do sentimento de desconfiança entre ucranianos e seu vizinho. Essa intervenção, em 2014, consolidou a postura defensivo-ofensiva da Rússia em relação ao seu perímetro geográfico de segurança, uma preocupação que, somada à possibilidade de adesão da Ucrânia à União Europeia e a inscrição ucraniana no programa de expansão da OTAN *Membership Action Plan*, eventualmente levaria à guerra (Lebelem & Villa, 2022).

Em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia liderou uma ofensiva militar para uma invasão em grande escala da Ucrânia (ONU, 2025). Em um primeiro momento, o ataque visou oito regiões estratégicas, incluindo Kyivska, Donetsk, Luhansk e a capital Kyiv. Com a progressão do conflito, foi observado o aumento acentuado de demandas humanitárias nas áreas sob ataque, tendo em vista a progressiva escassez de serviços essenciais e a deterioração de infraestrutura. Nesse sentido, ainda em fevereiro, a Organização das Nações Unidas (ONU) estimou que 12 milhões de pessoas residentes na Ucrânia precisariam de asilo e proteção, e mais de 4 milhões de refugiados ucranianos necessitariam de assistência de seus países vizinhos para fugirem do conflito e se instalarem em segurança nos meses seguintes.

Em primeiro de março, a ONU e parceiros coordenaram a distribuição urgente de suporte humanitário para pessoas na Ucrânia afetadas pelo conflito e ucranianos refugiados em outros países, uma iniciativa correspondente a 1.7 bilhões de dólares (ONU, 2025). No dia 2 de março, foi adotada pela Assembleia Geral da ONU uma resolução que exigia a retirada imediata das forças russas da Ucrânia e o respeito ao Direito Internacional (UE, 2022). No dia 5 de março, Amin Awad, o coordenador de crises da ONU para a Ucrânia, encontrou-se com interlocutores locais e internacionais para construir operações humanitárias que agissem de fora para dentro e acessassem, com eficiência, as áreas impactadas pelo conflito (ONU, 2022). Em seguida, o coordenador fez um apelo para uma pausa humanitária imediata entre as forças russas e ucranianas, a fim de prover suporte para os civis aprisionados pelas circunstâncias de guerra e para permitir que aqueles em situação de refúgio pudessem chegar até um lugar seguro (ONU, 2022; ONU, 2025).

Entre 2022 e 2024, foram registrados aproximadamente 39 mil civis feridos e 12 mil fatalidades (Humanitarian Action, 2025). Ainda nesse período, no que diz respeito às pessoas deslocadas, foram registrados mais de 6.7 milhões de refugiados ucranianos e aproximadamente 3.6 milhões de deslocados internos, dos quais 78 mil se encontram alojados em 1.8 mil abrigos e centros comunitários (Humanitarian Action, 2025). Em 2025, estima-se que 12.7 milhões de pessoas na Ucrânia - correspondente a 36% da população ucraniana - necessitarão de ajuda humanitária (OCHA, 2025). Em decorrência da destruição da infraestrutura civil, tendo sido

realizados ataques estratégicos em infraestrutura energética, os serviços essenciais como água, gás e aquecimento foram comprometidos (Humanitarian Action, 2025). Até então, a Organização Mundial da Saúde (OMS) registrou mais de 2 mil ataques em instituições de saúde, o que em muito deteriorou a capacidade de atendimentos médicos e de alocação de recursos hospitalares na região (Humanitarian Action, 2025).

Os planos de ajuda estruturados pelo Escritório da ONU para Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) estão organizados em torno de quatro estratégias prioritárias: o suporte das pessoas mais vulneráveis que permanecem na linha do conflito; evacuações; respostas emergenciais após ataques; e contribuição humanitária para os mais vulneráveis entre os deslocados internos (OCHA, 2025). Listados entre a população mais vulnerável estão as crianças, os cuidadores, as famílias com menor renda, as pessoas idosas e as pessoas com deficiência (Humanitarian Action, 2025), dos quais aproximadamente 12.6 milhões não se deslocaram - ou não puderam se deslocar - de suas residências (OCHA, 2025). Os relatórios elaborados pelo OCHA ainda ressaltam a condição sensível na qual se encontram especificamente as pessoas idosas e as com deficiência, tendo em vista que “são incapazes de evacuarem sozinhas e demandam suporte específico, o que as deixa isoladas e sem acesso aos serviços necessários” (OCHA, 2025, p. 9, tradução nossa). Apesar de tal reconhecimento, a população mais velha enfrenta barreiras desproporcionais em relação ao acesso a itens essenciais e suporte humanitário (HelpAge, 2024) e, como veremos, são uma parcela significativa nas estatísticas de vítimas de violência, feridos e mortos no conflito.

A atual guerra na Ucrânia pode ser entendida como a crise humanitária mais velha no mundo (HelpAge, 2023), tendo em vista que a população com mais de 60 anos de idade no país corresponde a quase 9 milhões de pessoas (Anistia Internacional, 2022). Apesar dos idosos constituírem menos de um quarto da população total, até 2024, eles corresponderam a 50% das fatalidades entre civis e 33% dos feridos, e apenas um terço teve acesso a suporte humanitário (HelpAge, 2025). Além disso, os estudos desenvolvidos sobre o deslocamento de pessoas idosas na guerra da Ucrânia indicam que elas são menos prováveis de evacuar suas casas e comunidades, de modo que frequentemente se encontram em áreas de mais difícil acesso e em condições mais precárias que outras pessoas (HelpAge, 2023). Em 2023, cerca de 11% da população internamente deslocada era idosa, da qual 59% relataram viver em condições precárias: residências danificadas ou destruídas; apagões; interrupção dos serviços de água, aquecimento e energia (HelpAge, 2023). Nesse contexto, cerca de 62% das pessoas velhas atestaram que suas rendas são insuficientes para cobrir suas necessidades básicas: 93% têm dificuldade de pagar alimentação; 91% acham difícil comprar produtos de higiene; e 88% não

conseguem comprar os medicamentos que precisa (HelpAge, 2025). Outros desafios importantes para essa população são as dificuldades de locomoção, dificuldade de encontrar e carregar água e alimentos; dificuldade de se manter em longas filas para acessar cuidados e itens de necessidade; e dificuldade de acessar informação sobre suporte humanitário na região (HelpAge, 2025).

Contudo, nem toda população idosa é afetada igualmente. A desigualdade de gênero marca significativamente a experiência das pessoas velhas na Ucrânia no contexto de guerra: as mulheres pensionistas recebem 30% menos que os homens; cerca de 61% das mulheres relatam que não têm dinheiro suficiente para suprir necessidades básicas, enquanto 46% dos homens relatam o mesmo; cerca de 22% das mulheres vivem abaixo do valor mínimo do auxílio governamental, enquanto 13% dos homens se encontram nessa situação; mais mulheres vivem sozinhas (34%) do que homens (24%); as mulheres internamente deslocadas (14%) correspondem a quase três vezes o número de homens (5%); e mais homens (22%) recebem assistência humanitária que mulheres (13%) (HelpAge, 2023).

Apesar da notória vulnerabilidade na qual se encontram essas pessoas, sobretudo no contexto de guerra, os mecanismos de Direito Internacional que se voltam especificamente à proteção de pessoas velhas são usualmente frágeis ou inexistentes (Anistia Internacional, 2023b). Algumas têm certos direitos observados a partir do reconhecimento de outros grupos vulnerabilizados, como acontece por meio de convenções internacionais em proteção às mulheres, às pessoas com deficiência, às pessoas negras e de minorias étnicas e raciais, por exemplo. Contudo, a ausência de um mecanismo internacional amplamente reconhecido e substancialmente fundamentado que denuncie as discriminações vividas pelas pessoas velhas e proponha uma interface de combate contra o etarismo é latente, e demonstra a invisibilidade ainda enfrentada por esse grupo.

3. Análise e discussão do *corpus*

Apresentadas as fundamentações teóricas e metodológicas que embasam esta pesquisa, passamos, nesta seção, para apresentação da análise dos textos que constituem o *corpus*: dez reportagens e notícias publicadas entre 2022 e 2025 – descritas no Quadro 1 abaixo – selecionadas a partir da notoriedade internacional dos jornais nas quais foram publicadas e da inclusão de relatos pessoais de mulheres velhas que vivem a guerra na Ucrânia.

O objetivo da análise consistiu em desenvolver uma investigação linguístico-textual fundamentada na perspectiva dialógica de Bakhtin e seu Círculo a fim de identificar as

significações que circulam referentes às mulheres velhas em situação de conflito. A partir dessa análise, espera-se construir um posto de observação para refletir sobre como essas mulheres são representadas e percebidas nas Relações Internacionais. Para tanto, serão levados em consideração a “palavra no sistema da língua (nível da significação)” e os “enunciados propriamente produzidos (nível do sentido) para verificar de que maneiras as significações na língua são apropriadas pelos discursos e servem à instauração de sentidos na linguagem” (Sobral, Giacomelli, 2018, p. 307).

Contudo, antes de passarmos à análise e reflexão, cabe destacar que ao nos depararmos com esse objetivo e pensarmos na atividade da cientista frente às ciências humanas, voltamos à ética que, para Bakhtin, “[...] diz respeito a uma compreensão de um posicionamento no mundo que é ‘único, irrepetível, insubstituível e impenetrável da parte de um outro’” (Bakhtin, 2010, p. 96 apud Ghirello-Pires e Sampaio, 2023, p. 85). Dessa maneira, “o nosso ‘não-álibi’ nos exige [...] olhar para os sujeitos com quem trabalhamos nos processos de reorganização linguístico-cognitiva e que, portanto, não são ‘objetos’ que investigamos e ‘dos quais’ falamos” (Novaes-Pinto, Mazuchelli, Oliveira, 2023, p. 85). Voltar-se às mulheres velhas atravessadas por um objeto tão estudado pelas Relações Internacionais como a guerra desafia a presunção convencional de que atribuir importância a essas mulheres não nos diz nada sobre as dinâmicas de Política Internacional e a “alta política” (Enloe, 2014, p. 4). Portanto, é com responsabilidade e ética que se escolhe dedicar atenção a como tais mulheres são discursivamente representadas, evidenciando, também, as violências às quais estão submetidos os seus corpos e suas subjetividades.

Quadro 1 - Reportagens que compõem o *corpus* analisado

Data de Publicação	Jornal/Organização	Título	Autoria
24/02/2022	HelpAge	Ukraine: Older people face abandonment and isolation as conflict with Russia intensifies	HelpAge
11/03/2022	Aljazeera	"I wept for days": Ukrainian woman, 90, relieves painful memories	Mansur Mirovalev
16/05/2022	The Guardian	Alone under siege: how older women are being left behind in Ukraine	Angelina Kariakina
06/12/2022	International Amnesty	"I used to have a home": older people's experience of war, displacement, and access to housing in Ukraine	International Amnesty

Data de Publicação	Jornal/Organização	Título	Autoria
14/03/2023	CNN	"I just hope to live until our victory": Ukraine's older women share tales of heartbreak and resilience	Ivana Kottasová, Yulia Kesaieva
04/12/2023	International Amnesty	Ucrânia: Invasão russa provocou isolamento e negligência de pessoas idosas com deficiência	Olga Ivashchenko
20/12/2023	United Nations Population Fund	New beginnings: Older women displaced by war in Ukraine Rebuild confidence and independence through UNFPA support	United Nations Population Fund
01/05/2024	BBC	Ukrainian woman, 98, walks six miles from occupied village to safety	James Waterhouse
15/03/2025	NY Times	Thousands of women may have been raped by Russian soldiers, experts say, but have kept quiet for fear of the stigma	Carlotta Gall, Oleksandr Chubko
2025	HelpAge	Supporting older people in Ukraine	HelpAge

Fonte: elaboração da autora conforme dados extraídos dos textos jornalísticos (HelpAge, 2022, 2025; Mirovalev, 2022; Kariakina, 2022; Anistia Internacional, 2022; Kottasová & Kesaieva, 2023; Ivashchenko, 2023; United..., 2023; Waterhouse, 2024; Gall & Chubko, 2025).

3.1. O registro das mulheres velhas na guerra da Ucrânia e o processo de significação

Desde a invasão russa em 2022, várias mulheres idosas se viram impossibilitadas de evacuar suas casas em segurança. Dos 4.8 milhões de ucranianos que foram registrados como refugiados em outros países europeus desde o início da guerra, a sua maioria são mulheres jovens e crianças (Kottasová & Kesaieva, 2023), indicando as implicações de não incluir as necessidades particulares das pessoas velhas em contexto de deslocamento.

A análise dos dados mostra uma frequente menção do abandono sofrido por essas mulheres durante as evacuações. A reportagem de *The Guardian* apresenta, por exemplo, uma entrevista com Roman Vodyanyk, médico-chefe no único hospital ativo em Luhansk, que se perguntou “por que algumas pessoas jovens evacuam seus gatos e hamsters, mas deixam os seus pais para trás” (Kariakina, 2022, tradução nossa). Observa-se, ainda, uma tendência de atribuir o não-deslocamento de pessoas velhas à relutância em deixarem as suas casas

(Kariakina, 2022), um comportamento muitas vezes associado à teimosia e à ignorância como características inerentes ao envelhecimento.⁴ Nas reportagens jornalísticas, tais situações são registradas como mulheres que “não puderam ou não quiseram sair” (Kottasová & Kesaieva, 2023, tradução nossa). Todavia, os depoimentos dessas pessoas acrescentam profundidade ao debate e demonstram que a razão para que elas não deixem suas casas é multifatorial.

Halyna Vasylivna, por exemplo, é uma mulher de 94 anos de idade que vive sozinha em um pequeno apartamento em Kyiv com uma pensão singela de 130 euros por mês (Kariakina, 2022). Seu marido e filhos não estão mais vivos, e suas netas vivem fora da cidade. Como seu apartamento se encontra distante do *bunker* construído para os deslocados, ela se esconde na dispensa de seu apartamento durante a ocorrência de ataques aéreos. Ela diz: “eu evacuaria se eu pudesse cuidar de mim mesma” (Kariakina, 2022, tradução nossa). Liddia Lomikovska, por sua vez, é uma mulher de 98 anos que foi separada de sua família em Ocheretyne enquanto se deslocavam após um ataque (Waterhouse, 2024). Sozinha, ela andou dez quilômetros em busca de abrigo, até que pôde se encontrar com a polícia ucraniana e, finalmente, com seus familiares (Waterhouse, 2024). O caminho foi duro: Liddia relata que, em determinado momento, “eu perdi o equilíbrio e caí na grama, onde dormi um pouco, e, depois, continuei andando” (Waterhouse, 2024, tradução nossa). A reportagem que apresenta a sua história emprega a voz passiva para descrever o abandono de Lidiia durante a evacuação (“sob um bombardeio intenso, Lidiia logo foi separada de seus familiares”) (Waterhouse, 2024, tradução nossa). Tendo em vista que a passivização é um recurso linguístico que retira da centralidade enunciativa o sujeito da oração – quem age de fato –; ou seja, utilizá-la implica a descrição da ausência de Lidiia como um evento meramente circunstancial. Optar por uma elaboração diferente para descrever o momento de separação poderia, por sua vez, jogar luz às dificuldades que civis enfrentam ao tentar escapar de um cenário de guerra e como são acentuadas quando vividas por pessoas velhas: as dificuldades de locomoção; a desorientação em terra arrasada; as longas distâncias até abrigos seguros; a inexistência de rotas seguras e acessíveis para evacuação; a urgência e agilidade que demandam a evacuação etc.

Dessa maneira, relatos como o de Halyna e Lidiia contrariam a noção de que pessoas velhas simplesmente não evacuam porque não querem ou não compreendem a gravidade do que vivenciam (Mazuchelli et al., 2021) – discurso associado a uma ideia de estarem ‘presos ao

⁴ Angelina Kariakina, correspondente do *The Guardian*, escreveu que as mulheres idosas na Ucrânia são o grupo mais provável a ficar sozinho, “seja por problemas de mobilidade, luto ou relutância de deixar ambientes familiares” (Kariakina, 2022, tradução nossa). Ela também descreveu os resultados de um questionário conduzido em Donetsk e Luhansk - áreas gravemente afetadas pelo conflito - e respondido por mais de 1.500 pessoas com mais de 60 anos de idade, das quais 99% responderam que não queriam deixar suas casas (Kariakina, 2022).

passado’ – e evidenciam a realidade mais complexa das circunstâncias nas quais vivem: que a falta de assistência e o isolamento logístico fazem com que elas não consigam evacuar as suas casas; que outros civis contribuem para que elas não possam se deslocar em segurança quando, por exemplo, são negligentes às suas necessidades; ou que elas insistem em se deslocar, apesar das adversidades, ainda que sozinhas. Além do preconceito etário, opera, nessas circunstâncias, o necropoder: a premissa de não escapar aproxima essas mulheres da morte, em uma conjuntura na qual são ainda mais reduzidas a seus corpos biológicos, desprovidas de subjetividade e humanidade (Mbembe, 2018). Podendo a política ser definida duplamente como “um projeto de autonomia e a realização de acordo (...) mediante comunicação e reconhecimento” (Mbembe, 2018, p. 8-9), na guerra, as mulheres velhas são desprovidas de estatuto político, uma vez que não constituem o demográfico soberano (cidadão) (ibidem, p. 35) a quem se atribui o mérito de vencer – e sobreviver – a guerra.

Além das dificuldades de deslocamento, a análise das reportagens mostra como a possibilidade de habitação é ainda mais escassa para essa população que, junto às pessoas com deficiência, sofrem discriminações sociais enquanto buscam abrigo. Segundo dados apresentados pela Anistia Internacional, a população idosa corresponde ao maior número de pessoas que vivem nas instalações temporárias (Anistia Internacional, 2023a, p. 8), que acolhem cerca de 150 mil pessoas. Em entrevistas, a administração de um dos abrigos demonstra pouco interesse em tornar as suas instalações mais acessíveis e relata se sentir sobrecarregada em relação às responsabilidades adicionais envolvidas em admitir pessoas com deficiência ou com necessidades de cuidados especiais. Ao negar abrigo a uma mulher idosa, a diretora Iryna Borodina compartilhou em entrevista:

Uma família chegou com uma avó... Que mal conseguia subir as escadas da frente do prédio... Eu entendi que ela é uma pessoa que precisa de cuidado, mas nós não somos um asilo, nós não temos cuidadores para pessoas idosas. Eu já tenho pessoas com educação superior limpando banheiros. Então nós tivemos que recusá-la (Anistia Internacional, 2023a, p. 9, tradução nossa).

Sabendo que mulheres idosas representam o maior demográfico internamente deslocado na Ucrânia, que são menos prováveis de evacuar o país e que correspondem a metade das fatalidades civis, não permitir a sua admissão a um abrigo se aproxima a uma sentença de morte. No relato da diretora, há marcadores de desprezo ao envelhecimento na sua justificativa para não receber a mulher velha: “uma avó [...] que mal conseguia subir as escadas da frente do prédio”; “nós não somos um asilo” (Anistia Internacional, 2023a, p. 9, tradução nossa). O

paralelo entre a “avó” e os trabalhadores do abrigo produz uma imagem forte: a de que lhe parece absurdo receber uma pessoa velha tão incapaz que não consegue subir as escadas ou cuidar de si mesma, enquanto pessoas mais jovens, produtivas e com educação superior realizam atividades tão degradantes como limpar os banheiros. A relação entre esses mecanismos argumentativos demonstra que o sentido em circulação é aquele que assimila o envelhecimento à inutilidade e ao não-merecimento (de acolhimento, de cuidado, de segurança). Uma vez que a pessoa idosa deixa de cumprir uma função valiosa para a produção e reprodução da sociedade - aos olhos do etarismo, do produtivismo, do capitalismo e do capacitismo -, torna-se mais fácil aceitar que a sua vida é descartável.

Além do deslocamento e do desprezo, a análise das reportagens mostra a solidão das muitas mulheres que vivem na Ucrânia e tiveram suas vidas atravessadas pela guerra. Halyna, por exemplo, recebe a visita de uma assistente social algumas vezes durante a semana e, nesses momentos, deseja que não vivesse só: “é importante ter alguém que possa te ouvir” (Kariakina, 2022, tradução nossa). O progressivo isolamento dessas mulheres é influenciado por diversos condicionantes, sendo um deles a falta de infraestrutura para que elas desfrutem de atividades de lazer e convívio social, mesmo durante o conflito.

Olha Mykhailivna, que tem 74 anos e vive sozinha em um complexo de apartamentos em Kyiv (Kottasová & Kesaieva, 2023), revela, em seu depoimento à *BBC*, publicado em março de 2023, que não saía de casa desde julho, pois receava ficar presa no elevador se houvesse uma queda de energia no prédio - muito frequente durante os ataques (Kottasová & Kesaieva, 2023). Já Liudmyla Vaisburg tem 92 anos e vive em uma casa de repouso. Atualmente, lamenta não poder viajar - uma atividade da qual sempre gostou - e diz sofrer pela falta de caminhada e ar fresco, porque a ela não é permitido sair sem supervisão: “agora, eu só posso ‘viajar’ em volta do prédio” (Kottasová & Kesaieva, 2023, tradução nossa). As circunstâncias nas quais vivem essas mulheres, seja por causa das consequências do conflito ou pelo entendimento de que devem ser tuteladas por serem velhas, moldam restritivamente as suas vidas e contribuem para a deterioração de seus estados de saúde mental (OPAS, 2022).

O luto, por sua vez, também é um agravante, e marca a história de diversas mulheres entrevistadas. Klara Rozkishna, de 94 anos, compartilhou que não há um dia em que não sinta falta do marido, que faleceu há quatro anos (Kottasová & Kesaieva, 2023). Yulia Hermanovska, de 79 anos, dorme no sofá de casa há cinco anos, porque, desde o falecimento do marido, não gosta de entrar no quarto que dividiam (Kottasová & Kesaieva, 2023). Maria Nyzhnyk, de 95 anos, perdeu o marido e dois de seus três filhos: “eu amava [o meu marido], mas não pude salvá-lo. Ele morreu com câncer quando tinha 74 anos. [O meu filho] foi pescar e nunca voltou.

[A minha filha mais velha] faleceu” (Kottasová & Kesaieva, 2023, tradução nossa). Valentina Tokariova, de 85 anos, relata que ficou muito deprimida quando seu filho faleceu: “eu o sepultei em Donetsk e agora nem posso visitá-lo” (Kottasová & Kesaieva, 2023). Nadiya Lutsenko, de 83 anos, viveu uma experiência similar:

quando os russos invadiram a nossa vila, eles destruíram tudo. Eu já tinha 82 anos e pensava que viveria o resto da minha vida lá. Eu sepultei meu filho e meu marido naquela vila. As suas lápides foram destruídas. Eu nem trouxe comigo as fotos de família e as fotos do meu filho. Eu não tenho nada. Eu não sinto remorso por ter perdido a minha casa, mas eu gostaria de ter aquelas fotos (Kottasová & Kesaieva, 2023, tradução nossa).

A solidão que sentem essas mulheres faz com que se sintam distantes de suas comunidades e passem a se enxergar como pessoas incapazes e desprezíveis. Em relação a “não conseguir cuidar de si mesma”, Halyna Vasylivna ainda diz: “eu trabalhei por toda a minha vida. É uma pena que [atualmente] eu não consiga fazer mais nada” (Kariakina, 2022, tradução nossa). Sobre a sua idade e a sua perspectiva de futuro sob o contexto da guerra, Valentina Romanova, de 93 anos e sobrevivente do Holocausto, disse: “eu sou velha, vivi a minha idade. A juventude que importa agora. Infelizmente, não tenho nenhuma perspectiva. [...] Eu sinto muito pela geração mais jovem” (Kottasová & Kesaieva, 2023). Percebe-se, na análise desses relatos, a repercussão do entendimento da velhice como a última etapa da vida, associada à falência progressiva, natural e inevitável do sistema biológico humano – discurso bastante recorrente sobre a velhice, especialmente quando compreendida como uma ‘fase biológica da vida’. Argumentamos, todavia, que a velhice não é uma categoria natural, mas uma categoria socialmente produzida e atravessada pela “variabilidade das formas pelas quais o envelhecimento é concebido e vivido” (Debert, 1998, p. 8). Os critérios pelos quais se definem uma pessoa velha são “um mecanismo básico de atribuição de status [...], de definição de papéis ocupacionais [...], [e] de formulação de demandas sociais [...]” (Debert, 1998, p. 15). As representações sobre a velhice nas sociedades ocidentais, como a ucraniana, reforçam determinadas expectativas de reprodução da vida e, por meio do etarismo, limitam as possibilidades para a vida social das pessoas idosas. No caso de Halyna e Valentina, são assimiladas, em seus relatos, as posições dedicadas ao não-saber (Mazuchelli et al., 2021) e não-poder: a incapacidade de cuidarem de si mesmas; a indiferença sobre suas perspectivas de futuro; a necessidade de tutela sobre suas agências.

Todavia, apesar da condescendência com a qual muitas dessas mulheres idosas são tratadas, são muitas vezes mencionados, nas reportagens, momentos históricos que

atravessaram suas vidas. Lidiia Lomikovska comparou a invasão russa à Segunda Guerra Mundial (Waterhouse, 2024), também vivida por Halyna, Valentina, Nadiya Lutsenko, Liudmyla Vaisburg, e cujas repercussões foram sentidas por Olha, que relata o deslocamento dos pais para servir ao exército e trabalhar na Alemanha. Valentina é uma sobrevivente do holocausto e diz que o que ela viveu durante a Segunda Guerra são “flores” em comparação ao que ela atualmente vive em Kyiv (Kottasová & Kesaieva, 2023). Nadia Tyvoniuk, de 90 anos, tem lembranças felizes da terra de 1.2 acres em que sua família vivia, quando parte de Volynska - atualmente território ucraniano -, onde ela nasceu, em 1931, ainda pertencia à Polônia (Mirovalev, 2022). O território foi cedido à Alemanha nazista em 1939, após um acordo com a União Soviética que implicou a divisão da Polônia. “E, então, os russos vieram e estragaram tudo”, ela relata (Mirovalev, 2022). Após a divisão do território, o contato entre a parte alemã e a parte soviética foi banido, e, desde então, Nadia não tem contato com a parte da sua família que vive na Polônia (Mirovalev, 2022). Muitos textos jornalísticos analisados apresentam as experiências das mulheres velhas e de suas famílias para retratar o contexto histórico dos conflitos territorialistas que se desenvolveram na região. Incluir o relato dessas mulheres possibilita que sejam contempladas enquanto sujeitos históricos que percebem e relatam eventos de grande transformação política a partir da autorreferência.

Também é comum que as entrevistas capturem os posicionamentos das mulheres velhas sobre a guerra na Ucrânia. Nadia assiste avidamente aos noticiários e é confiante em relação à vitória russa: “então, nós beberemos champagne” (Mirovalev, 2022). Valentina Tokariova, de 85 anos, relata que assiste, principalmente, a notícias e entrevistas com especialistas sobre a guerra. Ela também tem convicção de que a Ucrânia sairá vencedora: “não importa o que aconteça, nós seremos vitoriosos. Você não pode entrar em terras estrangeiras e tomar tudo, isso não faz sentido” (Kottasová & Kesaieva, 2023). Klara também tem certeza da vitória: “eu nunca acreditei em Deus, sou uma cientista. Mas eu ouvi essa oração no rádio [...]. Desde então, antes de dormir, eu rezo. Eu só espero viver até a nossa vitória” (Kottasová & Kesaieva, 2023). Nadia Krasnozhon, de 87 anos, é uma poeta e ativista política que compôs o primeiro partido de oposição na Ucrânia soviética. Ela conta que está escrevendo uma coleção de poemas sobre a guerra: “eu escrevi um poema ‘Yadlivka não pode ser queimada’ [...]. Eu nunca pensei que poderia haver outra guerra, outra ocupação [...]. Eu pensei que eles seriam melhores do que vieram a ser” (Kottasová & Kesaieva, 2023). Olha conta que, a princípio, sentia muito medo de ser vítima de um dos ataques aéreos: “havia foguetes voando e uma casa pegou fogo. Eu estava sentada na sacada pensando que, se eu fosse morrer, queria uma morte instantânea, e, se eu fosse ferida, queria um machucado pequeno. E os foguetes continuavam voando” (Kottasová

& Kesaieva, 2023). Com o andamento da guerra, Olha relatou que não tem mais medo: “eu liguei para o escritório de alistamento militar e pedi que me dessem uma arma” (Kottasová & Kesaieva, 2023). Os posicionamentos dessas mulheres rompem com a expectativa de que a mulher velha é dócil e indefesa, evidenciando suas posturas resistentes e politicamente engajadas. Além disso, a singularidade do envolvimento dessas mulheres com atualizações sobre o conflito contraria a noção de que suas vidas, suas complicações, seus interesses e suas demandas existem de maneira separada ao universo político, compreensão que não é somente idadista – por figurar-se na ideia de que pessoas idosas estão ‘desconectadas’ do presente – mas comum ao pensamento teórico-discursivo, como argumenta Bakhtin (2010), que opera na cisão do ato que os envolve. Como resultado, afirma o autor, “dois mundos se confrontam, dois mundos absolutamente incomunicáveis e mutuamente impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida (este é o único mundo em que cada um de nós cria, conhece, contempla vive e morre)” (Bakhtin, 2010, p. 43).

Em suas existências sem álibis, embora frequentemente retratadas como desprovidas de agências, as mulheres velhas têm desempenhado papéis fundamentais para a organização de comunidades no contexto da guerra. Hanna Serhienko, de 65 anos, vive em uma vila a duas horas de Kyiv, e disponibiliza a sua casa como um ponto de encontro para voluntários tecer redes de camuflagem para a linha de frente do exército ucraniano (Kottasová & Kesaieva, 2023). A mobilização teve início quando Hanna fez uma publicação nas redes sociais convidando os vizinhos a confeccionar as redes e, para sua surpresa, muitos se apresentaram, e o grupo tem tecido desde a interferência russa de 2014. O objetivo é reproduzir padrões facilmente encontrados na natureza: “sempre que tecemos as redes do inverno eu espero que seja a última vez. A cada estação, torcemos que seja a última vez e que nunca tenhamos que fazê-las de novo. Mas, infelizmente, por todos esses anos, nós as refizemos” (Kottasová & Kesaieva, 2023, tradução nossa). Lidia Terepniova, de 74 anos, é voluntária há sete anos em um centro de coordenação humanitária e distribuição de primeiros socorros em Kyiv: “quando a guerra começou, eu liguei para as pessoas e as perguntei se precisavam de algo, comida medicamentos, serviços e etc. [...] Nas sextas-feiras, temos o clube de dança e encontros, apesar de todos já nos conhecermos muito bem” (Kottasová & Kesaieva, 2023, tradução nossa). O trabalho de Lidia demonstra que os laços em uma comunidade são fundamentais para a sustentação de uma resistência suficientemente abastecida, saudável e esperançosa: “todos os meus amigos vivem aqui. Nós nos falamos todos os dias. Eu simplesmente não poderia sair daqui! O fato de não estar sozinha me ajuda a seguir em frente. Nós nos ajudamos. Se há alguma

alegria, podemos compartilhá-la. Se há tristeza, é mais fácil senti-la juntos” (Kottasová & Kesaieva, 2023, tradução nossa).

No sul da Ucrânia, uma mulher de 77 anos tem desafiado as expectativas genereficadas que exigem silêncio das vítimas de violência sexual. Ela se reúne com outras dez mulheres, onde é estabelecido um espaço de acolhimento e escuta para que falem sobre si mesmas em relação aos abusos que sofreram. A intenção é trazer visibilidade à violência sexual instrumentalizada em conflitos armados e desestigmatizar que as sobreviventes denunciem os casos. Autoridades registraram mais de 344 casos de violência sexual relacionada ao conflito desde 2022, sendo 220 vítimas mulheres (63%) (Gall & Chubko, 2025). Os grupos de suporte a vítimas, coordenados por mulheres, todavia, estimam que o número real de casos seja superior a 1.000 (Gall & Chubko, 2025). Tais organizações assistiram mulheres por meio de serviços de saúde e atenção psicossocial em mais de 1.800 assentamentos recuperados após a invasão russa, mas muitas das sobreviventes ainda não expressam intenção de denunciar as violências sofridas. Além dos impactos locais, os grupos também pressionam as instituições internacionais com a intenção de que a Rússia seja responsabilizada pelos crimes de violência sexual na guerra da Ucrânia. As consequências das agressões nas saúdes das sobreviventes, por sua vez, desenvolvem-se a longo prazo, tendo em vista que muitas vítimas relatam se sentir deprimidas, suicidas, com estresse pós-traumático, sem apetite, com dificuldades de se relacionar e com complicações referentes a infecções sexualmente transmissíveis (Gall & Chubko, 2025). Apesar das dificuldades, muitas mulheres disseram em entrevista que o envolvimento com os grupos de apoio formado por sobreviventes foi o que as permitiu estabelecer conexões sociais novamente, expressar suas dores e, em alguns casos, dedicar-se ao ativismo ligado a sobreviventes de violência sexual em guerra. A mobilização dos grupos de apoio, o qual conta com a participação ativa de mulheres velhas vítimas de violência sexual, desafia a suposta passibilidade das mulheres velhas e retrata a sua inventividade e rebeldia, as quais são inestimáveis para a construção de redes de ativismo político e social. As mulheres velhas, portanto, são fundamentais para a organização e manutenção de comunidades em meio à guerra da Ucrânia, ao contrário do que o discurso dominante sobre envelhecimento ainda preconiza.

4. Considerações Finais

A presente pesquisa objetivou compreender como as mulheres velhas estão subscritas aos processos de significação e às tecnologias e políticas de morte, como descritas por Mbembe (2018), a fim de se tornar mais evidente a contribuição que a análise de representações

discursivas de mulheres velhas no contexto de guerra pode oferecer às teorizações sobre como elas são percebidas nas Relações Internacionais.

Em um primeiro momento, foram articuladas as contribuições da necropolítica, dos estudos feministas em RI, da interseccionalidade e dos estudos críticos sobre envelhecimento para se fazer sentido de um objeto comumente estudado no campo da Segurança Internacional – a guerra –, dessa vez como condicionante das experiências de mulheres velhas enquanto protagonistas. Em seguida, foram apresentados dados de relatórios que demonstram a maneira como gênero e idade marcam a vida de civis no contexto do conflito na Ucrânia. Finalmente, foram analisadas as produções e circulações de sentido a respeito do envelhecimento a partir do estudo do *corpus* constituído por 10 textos jornalísticos que registram as histórias e as vozes de mulheres velhas na guerra da Ucrânia. A relação entre o discurso e a sua materialidade ética e política, bem como a sua significância para interpretar a maneira como são representadas essas mulheres, foi possível a partir de uma análise dialógica, fundamentada nas elaborações de Bakhtin e seu Círculo, tendo em vista que, em sua perspectiva, as práticas sociais se reproduzem sobre a linguagem, e que a palavra é recebida "da voz de outro e repleta da voz em outro" (Bakhtin, 2015, p. 252).

A incorporação dos estudos críticos sobre envelhecimento permite-nos perceber que a violência praticada contra pessoas idosas é uma extensão política da guerra – em seu exercício de soberania –, a qual se manifesta nas fatalidades contabilizadas, no isolamento logístico dessas pessoas e, sobretudo, na indiferença pública em relação ao seu sofrimento. A associação do envelhecimento à incapacidade, inutilidade e falência biológica – típica dos discursos idadistas (Butler, 1969; Debert, 1998; Mazuchelli et al., 2021) – aprofundam as discriminações e violências sofridas por essa população e a consolida enquanto alvo das tecnologias de morte durante a guerra. As mulheres velhas na Ucrânia, por sua vez, são um grupo especialmente vulnerável no contexto de conflito, e a análise conduzida nesta pesquisa demonstra como os discursos etaristas marcam as suas experiências, muitas vezes as colocando no lugar do não-saber (Mazuchelli et al., 2021) e não-poder, desconsiderando o valor de suas vidas e a relevância de suas mortes. No entanto, quando essas mulheres falam, podemos exercer a curiosidade sobre “a vida e os pensamentos de mulheres complicadamente diversas” (Enloe, 2014, p. 5, tradução nossa), e, a partir de então, inesgotar as possibilidades de sentido para o envelhecimento e, assim, torná-lo livre (Bakhtin, 2019).

5. Referências

ABAURRE, M. B. M. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. P. de (org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Unicamp. 1996.

ANISTIA Internacional. "I used to have a home": older people's experience of war, displacement, and access to housing in Ukraine. **Anistia Internacional**, 06 dez. 2022a. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/research/2022/12/older-people-ukraine-war-displacement-and-access-to-housing/>. Acesso em 03 set. 2025.

ANISTIA Internacional. Ucrânia: obstáculos no acesso à saúde, habitação e segurança pela população idosa. **Anistia Internacional**, 6 dez. 2022b. Disponível em: <https://www.amnistia.pt/ucrania-obstaculos-no-acesso-a-saude-habitacao-e-seguranca-pela-populacao-idosa/#:~:text=Riscos%20desproporcionados,%C3%B3bito%20visto%20pela%20Amnistia%20Internacional>. Acesso em 03 set. 2025.

ANISTIA Internacional. Older People's Rights. **Anistia Internacional**, 2025. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/what-we-do/older-people/>. Acesso em 03 set. 2025.

BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In: **Estética da Criação Verbal**. Tradução por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 1 ed. São Carlos: Pedro e João Editores. 160p.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, M. **O Homem ao Espelho: apontamentos dos anos 1940**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, 110p.

BENEVISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976. 397p.

BRAIT, B. "Análise e Teoria do Discurso". In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: Outros Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, p. 9-31, 2006.

BUTLER, R. N. "Age-ism: Another form of bigotry". **Gerontologist**, v. 9, p. 243–246, 1969. p. 243-246.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 238p.

CALASANTI, T.; SLEVIN, K. F.; KING, N. Ageism and Feminism: from “et cetera” to center. **NWSA Journal**, v. 18, n. 1, 2006. p. 13-30.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. 288p.

DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, guita Grin (org). **Antropologia e Velhice**, 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1998. p. 7-29.

EUROPEAN Union (UE). UN General Assembly Demands Russian Federation Withdraw all Military Forces from the Territory of Ukraine. **European Union (UE)**, European Union External Action, 2 mar. 2022. Disponível em: https://www.eeas.europa.eu/eeas/un-general-assembly-demands-russian-federation-withdraw-all-military-forces-territory-ukraine_und_en. Acesso em 03 set. 2025.

GALL, C; CHUBKO, O. Thousands of women may have been raped by Russian soldiers, experts say, but have kept quiet for fear of the stigma. **NY Times**, 15 mar. 2025.

GERALDI, J. W.. O mundo não nos é dado, mas construído. In: VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da Enunciação e Outros Ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p.7-28.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A.; SAMPAIO, N. F. S.. **Para além da intervenção, o encontro com o outro e com a linguagem**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2023. p.174.

GÖTZ, E. Neorealism and Russia’s Ukraine policy, 1991-present. **Contemporary Politics**, v. 22, n. 3, p. 301-323, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/37Pu0qW>. Acesso em 03 set. 2025.

HELPAge International. Ukraine: Older people face abandonment and isolation as conflict with Russia intensifies. **HelpAge International**, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.helpage.org/news/ukraine-older-people-face-abandonment-and-isolation-as-conflict-with-russia-intensifies/>. Acesso em 03 set. 2025.

HELPAge International. "I've Lost the Life I Knew": older people's experiences of the Ukraine war and their inclusion in the humanitarian response. **HelpAge International**, 2023. Disponível em: <https://www.helpage.org/silo/files/ive-lost-the-life-i-knewolder-peoples-experiences-of-the-ukraine-warreport.pdf>. Acesso em 03 set. 2025.

HELPAge International. Rapid Assessment of Support for the Evacuation of Older People from Eastern Ukraine. **HelpAge International**, jul. 2024. Disponível em: <https://www.helpage.org/wp-content/uploads/2024/09/Rapid-Assessment-of-Support-for-the-Evacuation-of-Older-People-from-Eastern-Ukraine.pdf>. Acesso em 03 set. 2025.

HELPAge. Supporting older people in Ukraine. **HelpAge International**, 2025a. Disponível em: <https://www.helpage.org/what-we-do/humanitarian-action/supporting-older-people-in-ukraine/>. Acesso em 03 set.. 2025.

HELPAge, The World's Oldest Humanitarian Crisis: millions of older Ukrainians continue to suffer after three years of war. **HelpAge International**, 21 jul. 2025b. Disponível em:

<https://www.helppage.org/news/millions-of-older-ukrainians-continue-to-suffer-after-three-years-of-war/>. Acesso em 03 set. 2025.

HUMANITARIAN Action. Global Humanitarian Overview 2025. **Humanitarian Action**, 4 dez. 2024. Ukraine. Disponível em: <https://humanitarianaction.info/document/global-humanitarian-overview-2025/article/ukraine-2>. Acesso em 03 set. 2025.

INTERNATIONAL Database (IDB). Ukraine, Population Pyramid. **International Database (IDB)**, 2025. Disponível em: https://www.census.gov/data-tools/demo/idb/#/dashboard?COUNTRY_YEAR=2025&COUNTRY_YR_ANIM=2025&FIPS_SINGLE=UP&dashboard_page=country&CCODE_SINGLE=UA&subnat_map_admin=ADM1&CCODE=UA. Acesso em 03 set. 2025.

IVASHCHENKO, O. Ucrânia: Invasão russa provocou isolamento e negligência de pessoas idosas com deficiência. **Anistia Internacional**, 04 dez. 2023. Disponível em: <https://www.amnistia.pt/ucrania-invasao-russa-provocou-isolamento-e-negligencia-de-pessoas-idosas-com-deficiencia/>. Acesso em 03 set. 2025.

JESUS, D. S. V. Mundo macho: homens, masculinidades e relações internacionais. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, Belo Horizonte, n. 109, pp. 309-364, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://pos.direito.ufmg.br/rbep/index.php/rbep/article/view/P.0034-7191.2014v109p309/282>. Acesso em 03 set. 2025.

KARIAKINA, A. Alone under siege: how older women are being left behind in Ukraine. **The Guardian**, 16 mai. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2022/may/16/alone-under-siege-how-older-women-are-being-left-behind-in-ukraine>.

KOTTASOVÁ, I.; KESAIEVA, Y. "I just hope to live until our victory": Ukraine's older women share tales of heartbreak and resilience. **CNN**, 13 mar. 2023. Disponível em: <https://edition.cnn.com/interactive/2023/03/world/ukraine-older-women-resilience-as-equals-cnnphotos/>.

LEBELEM, C.; VILLA, R. D. A Guerra Russo-Ucraniana: impactos sobre a segurança regional e internacional. **Centro Brasileiro de Relações Internacionais**, n. 3, 2022. Disponível em: <https://cebri.org/revista/br/artigo/47/a-guerra-russo-ucraniana-impactos-sobre-a-seguranca-regional-e-internacional>. Acesso em 07 agosto 2025.

LIMA JUNIOR, A. T. **Guerra, paz e os corpos das mulheres**: um olhar nativo sobre a conferência de Beijing. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2018.

LORDE, A. **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MAZUCHELL, L. P. **O efeito de práticas sociais com leitura e escrita em um caso de afasia progressiva: (re)encontros**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 165 p, 2012.

MAZUCHELLI, L. P., SOARES, M. F. P., NORONHA, D. O., OLIVEIRA, M. V. B. Discursos sobre os idosos, desigualdade social e os efeitos das medidas de distanciamento social em

tempos de covid-19. **Saúde E Sociedade**, 30(3), e200885, 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200885>.

MAZUCHELLI, L. P.; OLIVEIRA, M. V. B. “A extensão universitária como espaço de formação em linguagem: Uma discussão ético-responsável”. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v.18, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riace.v18iesp.1.18480>

MBEMBE, A. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80p.

MEARSHEIMER, J. J. Getting Ukraine Wrong, **International New York Times**, 2014. Disponível em: <https://nyti.ms/3hPDJSA>. Acesso em 03 set. 2025.

MENDES, Flávio Pedroso; NUNES, Thainá Penha Baima Viana; CASSAROTTI, Luís Francisco Calegari. In: MENDONÇA, Filipe; MENDES, Flávio Pedroso; RAMANZINI JUNIOR, Haroldo; COUTO, Laura (org). **Crises e Transformações da Política Internacional no Século XXI**: Cinco anos de pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (PPGRI-UFU). Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 129-147.

MIROVALEV, M. "I wept for days": Ukrainian woman, 90, relieves painful memories. **Aljazeera**, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/3/11/i-wept-for-days-ukrainian-woman-90-relives-painful-memories>. Acesso em 03 set. 2025.

OLIVEIRA, M. V. B.; MAZUCHELLI, L. P.; SOUZA, A. R.; MENZES, A. S. M. S.; SANTOS, E. B. de F. “Observatório do Idadismo: Primeiras experiências de combate ao preconceito etário”. **Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva**, v. 4, p.1-17, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/14224/11227>. Acesso em 03 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde (OPAS). Relatório Mundial sobre o Idadismo. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/documentos/relatorio-mundial-sobre-idadism>. Acesso em 03 set. 2025.

TICKNER, A. J.; **Gendering World Politics**: Issues and Approaches in the Post-Cold War Era. Nova Iorque: Columbia University Press, 2001. 200p.

UNITED Nations (ONU). Statement of the United Nations Crisis Coordinator for Ukraine. **United Nations (ONU)**, 5 mar. 2022. Ukraine. Disponível em: https://ukraine.un.org/en/173985-statement-united-nations-crisis-coordinator-ukraine?_gl=1*1ooxvcr*_ga*MTczODYzNTc1LjE3Mjk4NTk5MTM.*_ga_TK9BQL5X7Z*czE3NTQ1NzgyODkkbz MkZzEkdDE3NTQ1NzgyOTYkajUzJGwwJGgw*_ga_S5EKZKSB78*czE3NTQ1NzgyOTAKbzQkZzEkdDE3NTQ1NzgZMTYkajM0JGwwJGgw. Acesso em 03 set. 2025.

UNITED Nations (ONU). UN News: Global Perspective Human Stories. **United Nations (ONU)**. 2025. Ukraine. Disponível em: <https://news.un.org/en/focus/ukraine>. Acesso em 03 set. 2025.

UNITED Nations Population Fund. New beginnings: Older women displaced by war in Ukraine Rebuild confidence and independence through UNFPA support. **United Nations Population Fund**, 20 dez. 2023. Disponível em: <https://www.unfpa.org/news/new-beginnings-older-women-displaced-war-ukraine-rebuild-confidence-and-independence-through>. Acesso em 03 set. 2025.

VENTURA, R; KRITSCH, R. Relações Internacionais, teorias feministas e produção de conhecimento: um balanço das contribuições recentes. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, Dourados, v. 6. n. 11, jan./jun., 2017.

PONZIO, A. Problemas de sintaxe para uma linguística da escuta. In: BAKHTIN, Mikhail. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 7-57.

VOLOCHÍNOV, V. N.. **A Construção da Enunciação e Outros Ensaio**s. Tradução de João Wanderley Geraldi e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 273p.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, [1929-1930]. 376p, 2017.

WALT, S. No contest. **Foreign Policy**, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3enmJ3U>. Acesso em 03 set. 2025.

WATERHOUSE, J. Ukrainian woman, 98, walks six miles from occupied village to safety. **BBC**, 01 mai. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-68936842>. Acesso em 03 set. 2025.

WEBER, C. **International Relations Theory: A critical introduction**. 3. ed. Londres: Routledge, 2009.